

Gente comum, histórias reais

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



'Santiago' (acima) abre amanhã o *É Tudo Verdade*, que este ano montou uma retrospectiva com os documentários do polonês Krzysztof Kieslowski (ao lado) e presta homenagem à escola paraibana de Linduarte Noronha, como 'Zé Lins' (abaixo), de Vladimir Carvalho



Maioria dos documentários do festival *É Tudo Verdade* segue na contramão do culto à celebridade

Carlos Heli de Almeida

A protagonista do documentário *Uma mãe trabalhadora* (Bolívia), de Limor Panhasov, é uma faxineira colombiana exilada em Israel que, após fazer a vida naquele país, volta à terra natal. Os protagonistas de *Manhã no mar* (Espanha), de Inês Thomsen, são octogenários de Barcelona que não dispensam o ritual dos banhos de mar no inverno. Já em *Mate a mensageira* (França), de Jean Robert Viallet, a "estrela", por assim dizer, é uma tradutora do sistema de informações americano perseguida pelo governo dos EUA. A competição do 12º *É Tudo Verdade*, o maior festival internacional de documentários da América Latina, cuja versão carioca começa amanhã à noite com a projeção para convidados de *Santiago* (Brasil), de João Moreira Salles, nunca esteve tão próxima do conceito de *Histórias reais*, do músico, performer e cineasta David Byrne.

— Quase todos os títulos da mostra competitiva focalizam gente comum. Talvez não seja coincidência que documentaristas do mundo inteiro estejam indo contra a cultura da celebridade. Isso é saudável — analisa o crítico Amir Labaki, criador e diretor do evento. — A exceção de *Fabricando polêmica* (Canadá), de Debbie Melnik, sobre o cineasta americano Michael Moore, os filmes falam sobre gente anônima e suas histórias extraordinárias.

Não por acaso, a produção que abre a maratona carioca se filia à corrente. Originalmente, *Santiago* era para ser um documentário sobre a personalidade e a memória do mordomo da casa onde o diretor João Moreira Salles cresceu, na Gávea, hoje transformada no Instituto Moreira Salles. Quatorze anos depois, o projeto chega às telas transformado pelo tempo: virou um filme sobre a incapacidade de ouvir o personagem e sobre a própria natureza do documentário. Dessa forma, *Santiago* se encaixa duplamente na linha do *É Tudo Verdade* deste ano.

— Entre outras coisas, *Santiago* discute a ética dos documentários, um dos temas centrais desta edição e da Conferência Internacional do

Documentário, entre os dias 28 e 30 em São Paulo — explica Labaki, que resume o filme de Moreira Salles como "um dos melhores documentários brasileiros desde *Cabra marcado para morrer*", de Eduardo Coutinho. — *Santiago* é intimista e ensaísta, o que é complicado de fazer. Fala ao mesmo tempo do mordomo da família e discute as dificuldades de se realizar um documentário sobre alguém tão próximo.

Existem semelhanças na produção nacional recente do gênero que podem ser entendidas como tendência. Labaki diz que a seleção da competição brasileira retine uma quantidade significativa de produções experimentais.

— Nos últimos anos, as experiências de linguagem costumavam vir da nova geração de documentaristas mineiros. Aparentemente, esta escola se disseminou pelo país. *Construção* (SP), de Cristiano Burlan, por exemplo, é um filme sobre operários da construção civil realizado longe da tradição sociológica. Promove uma ruptura real na forma de registrar os trabalhadores.

Lutzenberger: For ever gaia (RS), de Frank Coe e Otto Guerra, uma biografia pouco convencional do ambientalista José Lutzenberger, usa depoimentos e animação. Até o filme do carioca Andrucha Waddington sobre Maria Bethânia não é um retrato tradicional da cantora.

Este ano, a retrospectiva internacional celebra a faceta documentarista do polonês Krzysztof Kieslowski, mundialmente conhecido por seus filmes de ficção, como a trilogia inspirada nas cores da bandeira francesa. O festival também presta homenagem a Linduarte Noronha, um dos responsáveis pelo nascimento da escola documental paraibana, nos anos 60. As vésperas do cinquentenário da reportagem que originou *Aruanda*, o evento exibe os filmes de Noronha, obras que contextualizam a Paraíba no ano de seu nascimento (1930) e títulos que reafirmam a força desse movimento, que gerou, por exemplo, *O engenheiro de Zé Lins*, de Vladimir Carvalho, sobre o escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957).

“*Santiago*’ é um dos melhores documentários brasileiros desde ‘Cabra marcado para morrer’

Amir Labaki, diretor do festival

